

A informalidade da linguagem virtual-interativa

letrônica

Dr. Jorge Campos da Costa¹
Stéphane Rodrigues Dias²**1 Interface Linguística/Comunicação/Cognição**

Através de uma metodologia teórico-argumentativa, assumimos abduktivamente a hipótese de que a linguagem virtual-interativa representa uma direção informalista de comportamento comunicativo em meio escrito. Igualmente, assumimos o pressuposto de que tal tendência pode ser explicada no cômputo custo/benefício comunicativo e cognitivo, dada a determinação de propriedades pragmáticas supostas, sobre os níveis sintático e semântico. Por fim, elencamos, ilustrativamente, propriedades do diálogo virtual-interativo ou Virtuálogo (COSTA, 2010³).

Para a construção das relações inter e intrateóricas discutidas neste artigo, assume-se um conjunto de pressupostos derivados da perspectiva da Metateoria das Interfaces (COSTA, 2007), qual seja: (i) Linguística, Comunicação e Cognição representam relações interdisciplinares, ou ‘interfaces externas’, mapeadas na busca por uma adequação explicativa dos fenômenos sob análise; (ii) Sintaxe, Semântica e Pragmática, por sua vez, representam ‘interfaces internas’ à Linguística, mapeadas para caracterizar/descrever os fenômenos; (iii) no âmbito da Psicologia Cognitiva, na interface Comunicação/Cognição, utilizam-se pressupostos da Teoria da Relevância (1986, 1995, 2005) (TR), de Sperber & Wilson (SW), entre eles o conceito de ‘Relevância’, expresso na relação ‘custo-benefício’⁴, bem como os conceitos de ‘ostensão’, ‘intenção informativa’ e ‘intenção comunicativa’; (iv) do ponto de vista comunicativo, a tese ‘o meio é a mensagem’, de McLuhan (1964), integra o mapeamento de pressupostos no âmbito comunicativo.

¹ Prof. Dr. – Depto. de Linguística – Programa de Pós-Graduação em Letras – PUCRS – Coordenador do Projeto de Pesquisa Platão 2.0 diálogos: da cultura clássica à cultura digital - <http://jcamposc.com.br/livros/a_relevancia_da_pragmatica_na_pragmatica_da_relevancia.pdf> <<http://jcamposc.com.br/livros.html>>.

² Depto. de Linguística – Programa de Pós-Graduação em Letras – PUCRS – Mestranda – Bolsista CNPq - <http://www.sbpnet.org.br/reunioes/goiania/inscritos/resumo_view.php?a=MTU5OA==&b=MTg0MQ==> <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/graduacao/article/view/5010>>

³ Conceito desenvolvido na disciplina *Semântica e Interfaces* ministrada no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, em 2010/01.

⁴ Para uma visão crítica do modelo, ver, entre outros: *Tópicos em teoria da relevância* [recurso eletrônico] / Jorge Campos, Fábio José Rauen (organizadores). – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. Disponível em: <http://jcamposc.com.br/livros/topicos_sobre_teorica_da_relevancia.pdf>. Acesso em 11 jan. 2011.

2 Pressupostos Linguísticos

A manipulação discursiva da linguagem por seus falantes pode ser tratada no escopo da Pragmática. Esta, no entanto, quando abordada pela perspectiva comunicativa, é assumida em interface com a Semântica, tendo em vista a relação complexa de enriquecimento proposicional. No que tange a este trabalho, a manipulação linguística em foco caracteriza-se pelo registro escrito e por sua presença em *sites* de interação acessados por usuários *default* da internet. A linguagem escrita, nesse caso, possui um conjunto de estruturas características, sendo impactada, por hipótese, pelo meio em que aparece. A perspectiva adotada, assim, é a de que aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos estão inter-relacionados no processo comunicativo, principalmente no que se refere à cadeia inferencial, observando-se desde a seleção de informações mais ou menos manifestas até a atribuição de intenções de segunda ordem a outros usuários.

É possível fazer uma distinção em relação ao comportamento comunicativo ou dialógico, tendo em vista: (i) o aparecimento de uma estrutura claramente argumentativa, cuja função central é a defesa de uma tese, a exemplo de *sites* ou *blogs* de cunho teórico-científico e colunas de periódicos; (ii) a exposição ordenada de informações, privilegiando a geração expositiva de conteúdo, sendo o caso de *sites* jornalísticos, por exemplo; (iii) o comprometimento com a criação de conteúdo enquanto evidência direta da busca por interatividade pura, cujo benefício principal é a ‘conexão’ entre os interlocutores, enquadrando-se neste caso a interação via *Orkut*, *Facebook*, *Twitter*, *MSN*, etc.; recaindo sobre este as observações do presente exercício.

Torna-se pertinente tal distinção, no âmbito deste trabalho, não apenas pela perspectiva de que há diferentes implicações linguísticas envolvidas em cada instância comunicativa em termos de forma e conteúdo - expressão sintática, organização de argumentos, ordenamento e extensão de elementos, entre outras -, sendo que a pertinência reside precisamente na perspectiva de que a intencionalidade dos falantes, ou os jogos de intenção, central nos processos comunicativos, operam de modo a gerar efeitos discursivos particulares. Assim, para que se justifique a visão de que marcas linguísticas de informalidade são pistas de um processo cognitivo anterior e concomitante ao uso da linguagem, que o norteiam por meio de princípios pragmáticos, faz-se necessário refletir acerca da operacionalidade da propriedade da intencionalidade, na observância de efeitos emocionais/relacionais nos processos comunicativo-sociais.

3 Pressupostos Comunicativos

A comunicação virtual é uma forma de interação possibilitada por intermédio de máquinas, o que envolve um meio que interfere na mensagem. A interferência do meio sobre a mensagem (MCLUHAN, 1964) é bastante significativa no que tange à interação virtual. Para McLuhan, a força dos meios são os próprios meios, onde o conteúdo de um meio é sempre um outro meio:

(...) “o meio é a mensagem”, porque é o meio que configura e controla a proporção e a forma das ações e associações humanas. O conteúdo ou usos desses meios são tão diversos quão ineficazes na estruturação da forma das associações humanas. Na verdade não deixa de ser bastante típico que o “conteúdo” de qualquer meio nos cegue para a natureza desse mesmo meio (MCLUHAN, 1964, p. 23).

A partir dessa noção, podemos pensar nos *sites* interativos como meios de comunicação cujo conteúdo são outros meios: a fala e/ou escrita humana, especialmente. Da mesma maneira, certos efeitos desses meios de comunicação estão em menor grau atrelados ao seu conteúdo, sendo importante atentarmos para os efeitos comunicativos ao nível linguístico possibilitado pela forma de o próprio meio operar. Segue-se que a forma de manipulação linguística é vista enquanto conteúdo, partindo-se do pressuposto de que o meio (re)configura as formas de interação. Para McLuhan (1964), os meios são extensões do próprio homem e moldam-lhe a percepção. “O ‘conteúdo’ da escrita ou da imprensa é a fala, mas o leitor permanece quase que inteiramente inconsciente, seja em relação à palavra impressa, seja em relação à palavra falada” (p. 33). Nesse sentido, é indiferente se os usuários desses meios utilizam o *YouTube* para assistir e comentar clipes de cantores *pop* ou palestras da Yale University; se utilizam o *MSN* para ‘falar’ de assuntos amorosos ou pertinentes à Física Nuclear; se utilizam o *LinkedIn*, o *Facebook* ou o *Orkut* para angariar informações redundantes ou para obter informações novas, pois há algo mais básico atuando nessas relações de linguagem, os efeitos ‘da natureza do meio sobre a mensagem’.

Dessa visão, pontuamos a Web como ‘o grande meio’, dentro do qual há os *sites* interativos, cujas mensagens geradas são também ‘meios’, sendo que a ‘forma da mensagem’ é afetada, como também é a percepção dos usuários.

4 Pressupostos Cognitivos

Tratar fenômenos na interface comunicação/cognição pressupõe interpretar que o nosso objeto é complexo e que uma compreensão vantajosa de tais fenômenos é obtida na interface⁵. Como se assume que a interface é uma perspectiva, às perguntas ‘o que é comunicado?’ e ‘por que comunicamos intencionalmente?’, são apresentadas reflexões dentro de um mapeamento entre Linguística/Comunicação/Psicologia Cognitiva.

SW desenvolveram sua proposta em relação à comunicação *ostensiva*, pressupondo dois níveis informacionais: (i) o nível das informações para as quais ‘se chamou a atenção’ e (ii) o nível em há a informação ‘de que se chamou intencionalmente a atenção para o primeiro nível de informações’, havendo, assim, uma prova direta das intenções de quem comunica. Nesse caso, não basta haver a intenção, se esta não for tornada manifesta ou mais manifesta aos participantes do processo comunicativo.

Para os autores, comunicamos um conjunto de suposições, dentro do qual algumas são claramente pretendidas e comunicadas, outras pretendidas e não comunicadas, outras comunicadas e não-pretendidas⁶, mas tipicamente tratamos de enunciados como estruturas indiciais, evidências diretas, no sentido de fornecerem pistas acerca de significações, na relação ostensão-inferência. Uma vez que a TR apresenta-se como uma extensão do modelo de Grice (1957, 1967), é natural que a ostensão, ou intencionalidade evidenciada, seja um pressuposto base. Pelo modelo ostensivo-inferencial, a atribuição de intenções é tomada como um traço característico da cognição e das interações humanas, sendo tal questão explorada em termos de ‘intenção comunicativa’ e ‘intenção informativa’.

Intenção Informativa: tornar manifesto ou mais manifesto ao ouvinte um conjunto de suposições.

Intenção Comunicativa: tornar mutuamente manifesto para o falante e para o ouvinte a intenção informativa do comunicador.

Compreendida assim, a intenção comunicativa é a intenção de tornar (mais) manifesta a manifestabilidade mútua das informações. Conforme defendida na proposta griceana, para a comunicação se efetivar não bastaria que a audiência pensasse *p*, sendo necessário o ‘reconhecimento’ da intenção do comunicador de que sua audiência pense *p*; no entanto, pode-se fazer necessário manifestar que algo foi tornado mais manifesto, ou, contrariamente,

⁵ Ver, sobretudo, Costa 2009.

⁶ Para discussão, ver Sperber & Wilson, 1995, pgs.194-199 e Silveira & Feltes (2002).

não se desejar tornar mutuamente manifesta a intenção informativa. Para SW (1995), há benefícios sociais envolvidos no grau de manifestabilidade das informações.

A questão torna-se bastante pertinente ao refletirmos sobre como as intenções se relacionam e explicam a busca por interatividade; processo central, por hipótese, no contexto da comunicação, sobretudo em relação à virtual-interativa. Para SW, a ostensão é necessária não apenas para auxiliar no foco do ouvinte, guiando a compreensão e transmitindo uma gama maior de informações, mas principalmente para modificar o ambiente cognitivo dos envolvidos, seu conjunto de suposições. Este tipo de comunicação veicula, através de graus de manifestabilidade, conteúdos de diferentes tipos: intencionais, emocionais, linguísticos, enciclopédicos. Uma alternativa de reflexão, porém, pode ser encontrada considerando-se o Princípio da Conectividade Não-Trivial (COSTA, 2005b), que assume a existência de uma tendência cognitiva inata para a conexão criativa.

5 A descrição, argumentos por ilustração

Analisemos agora um conjunto de características da linguagem virtual-interativa. Tendo em vista a existência de particularidades internas ao Virtuólogo, busca-se ilustrar a visão de que as marcas linguísticas da informalidade são evidências de um processo cognitivo subjacente ao uso da linguagem.

I Semelhança com a fala:

É possível que o fenômeno discursivo mais evidenciado e discutido no que tange ao discurso virtual-interativo seja a aproximação entre escrita e oralidade. Valendo-se de uma linguagem própria ao meio, com variação e código próprios, os usuários da rede utilizam recursos disponíveis (no teclado e na plataforma em uso) para gerar enunciados que veiculem o caráter espontâneo da fala cotidiana, de forma a criar um ambiente de conversa informal em ambiente virtual.

I1: “Vai estar online hj? ”/ “Td bem? Tah on? ”/ “Teh +! ”/ “Xeguei!”

I2: “Aham”/ “Td! Tô”/ “Teh!”/ “Ok :)”

Os exemplos, ilustrativos, expressam a tendência da comunicação nesses ambientes. As variações trazidas ilustram a presença da fala espontânea, marcando seus graus de informalidade.

Pela perspectiva defendida, o entrecruzamento escrita-oralidade é consequência de processos pragmáticos que interagem nesse tipo de comunicação, determinando o modo como se dará o comportamento linguístico, sendo este pista para a existência de tais processos. Nesse caso, é relevante a observação de que o falante utiliza um meio na perspectiva de outro: a escrita englobando a fala, a troca de mensagens englobando o diálogo. A despreocupação com a escrita remeteria, então, ao nível da fala, da troca rápida de mensagens, da busca de simultaneidade; assim, a ‘forma da informação’ é adequada à intenção. Nesse caso, regras pragmáticas, ao nível da intencionalidade, regem e modificam a tendência discursiva.

II A interatividade é mais troca de intenções do que exatamente informações:

A interatividade apresenta uma série de regras pragmáticas gerais e específicas, apresentando variações sócio-culturais. Dentro das plataformas como *Orkut*, há mecanismos de identificação de visita, de privacidade de acesso a fotos, a recados e a demais informações de perfil. Partilhando tais informações do jogo comunicativo, uma cadeia de processos interativos é desencadeada. Um recado pressupõe um início de interação, que pode ou não ser continuada, implicando uma cadeia de suposições. Toda vez que um usuário deixa um recado do tipo “Oi, td bem?”, há a pressuposição de uma intenção de contato, antes de qualquer troca ao nível informacional. Qualquer que seja a resposta, o desejo de resposta foi lançado e deve satisfazer a esse pressuposto. Similarmente, no dia-a-dia, o encontro entre as pessoas no mesmo espaço físico *gera contexto* para que tais recursos da interação social sejam mantidos; no nível virtual, entretanto, busca-se o contato ou se é buscado, evidenciando uma intenção de (manter) contato.

III O Virtuólogo é assimétrico:

O Virtuólogo (COSTA, 2010) caracteriza o diálogo da Cultura Digital, instanciado pela linguagem virtual-interativa, no paradigma ‘um para muitos e muitos para um’. Nele, o falante se comunica com uma virtualidade, sendo ela ‘definida’, como um interlocutor ‘potencialmente específico’ e ‘único’ (*MSN, SMS*); sendo ela ‘definida’, mas com um

interlocutor que é ‘inicialmente específico’, mas ‘não único’, sendo ‘intencionalmente’ e ‘potencialmente plural’ (*Twitter, Orkut, Facebook, Linked In, Hi 5, MSN*, etc.), sendo essa virtualidade ‘não-definida’, ‘não-específica’ e ‘sempre plural’ (*blogs, sites, perfis*). É o nascedouro de uma relação que muda a perspectiva dialógica para uma logicidade plural, sendo a lógica da própria comunicação alterada. A linguagem/comunicação não é somente o verbo falado ou escrito, nem sua relação com demais sublinguagens/linguagens no seio de uma linguagem maior, é, de fato, outra forma de comunicação, refletindo nas formas da mensagem. Desse modo, poderia se usar a metáfora do ‘tiro no escuro’: pessoas escrevem para *n*-pessoas, mas potencialmente para ninguém especificamente. Há uma conversa quase monológica, existindo a possibilidade de retorno, porém sem qualquer garantia. A busca dessa interatividade, no entanto, parece conduzir o processo.

IV O Virtuólogo implica que todos podem apreender as intenções de um:

Observando que toda comunicação ostensiva pressupõe a mutualidade de uma gama de suposições, dentre elas as intenções envolvidas, sabe-se que no momento em que o falante deixa um *scrap* a outro, ou um *tweet*, ou coloca um texto em um *blog* etc., todas as pessoas que têm acesso àquele conteúdo potencialmente estão dentro do jogo inferencial desencadeado pelo ato ostensivo. Assim, todos podem apreender as intenções de um (como na leitura de um livro), porém com o adendo de que a interatividade constrói diferentes ambientes cognitivos mútuos *online*, possibilitando que haja a constante reformulação de hipóteses e que a manifestabilidade de determinada intenção entre dois ou mais falantes possa não ser captada pelos demais interlocutores virtuais. Neste ponto, vale trazer a noção de ‘implicaturas concomitantes’ (VIÉGAS-FARIA, 2002), em que, para um mesmo enunciado, coexistem implicaturas diferentes, “em função de serem diferentes os conjuntos de proposições que formam o contexto de cada interlocutor”. Assim, pode não haver apenas uma intenção comunicativa, mas uma multiplicidade delas.

V A ideia é custo baixo, mesmo que o benefício seja baixo também, por isso a questão não é a seriedade informativa:

Fotos e textos verbais associados a fotos, em redes sociais, a exemplo de comentários como “affff”, “hummm”, “xiii”, “ahhh”, “q blz”, “hehehe”, “show”, “q nd”, “tb acho” etc.,

ilustram (i) uma inserção comunicativa intencional com baixíssimo custo de processamento de ambas as partes (*um para vários*), (ii) um benefício informativo, a princípio, baixíssimo também, porém (iii) um benefício interativo alto, na medida em que a aproximação e a conectividade foram obtidas. A questão que se impõe é o fato de que a padronização desse tipo de atitude diante da comunicação virtual-interativa colocaria o conceito de relevância de SW sob avaliação: ou o baixo custo dirigiria o processo, ou haveria um princípio mais básico que o princípio de relevância informativa/comunicativa (ver COSTA, 2005).

VI O conteúdo emocional está sempre em jogo:

A versão tradicional da proposta de SW não computa ganhos emocionais como benefício em trocas comunicativas, justamente pela tendência à trivialização do princípio nessas condições. Entretanto, é problemático não considerarmos o componente emocional em um cálculo que envolva a intencionalidade comunicativa humana. Um breve olhar atento sobre os diálogos nessas plataformas, em uma navegação observativa, e constatamos as evidências da forma de manipulação da linguagem: o uso padrão da pontuação interjetiva, a recorrência de *emoticons* como complemento e substituição da escrita (extensão da expressividade facial), exclamações de aprovação e rejeição, trocas tipo pergunta-resposta, uso de vocativos afetivos, uso recorrente de pronomes possessivos, adjetivos, advérbios de intensidade, diminutivos e aumentativos, vogais e consoantes repetidas (“lindonaaa”, “mttt”), na busca por reproduzir a entoação expressiva da fala. Vemos, por tal abordagem, a fala como extensão do pensamento, a escrita como extensão da fala, os *sites* interativos como extensões do diálogo e as ferramentas comunicativas como extensões das potencialidades expressivas.

VII Praticar o Virtuólogo é como participar de um jogo e ser jogador é tudo:

A regra dialógica parece direcionar-se para: ‘a interação é a intenção’; nesse sentido, comentários pouco informativos são relevantes (“ahhh”, “!!!!”, “mt bom”, “hehe”, “☺”). Semelhante ao axioma publicitário “falem mal, mas falem de mim”, há o axioma comunicativo-cognitivo “fale o que falar, mas fale”. Entendido assim, o relevante não é ‘o que’ se fala, nem ‘para que’ se fala, mas ‘que’ se fala.

VIII As frases são quebradas como se fossem falas em que os espaços permitem a troca de turno:

O curso da comunicação é dinâmico e há mecanismos que garantem a dinamicidade do processo. A extensão dos textos é limitada por número de caracteres, tendo em vista o meio em que se encontram. Assim, os textos de *blogs* geralmente são de curta extensão, pois, como declarou um internauta: caso fosse explicitar com razoável detalhamento os conceitos necessários ao tópico, provavelmente seu *blog* não resistisse a uma segunda visitação. Nesse caso, não é a linguagem que está sendo abreviada, mas o discurso, de modo que aspectos como pressa, baixo custo da escrita abreviada e desejo de pertencimento - aspectos levantados por Freitas (2009) em relação à linguagem de internet e celular -, não se mostram relevantes; diferentemente de quando observamos ‘comentários/recados’ em espaços de redes sociais, textos de curta extensão centralizados em tópicos (texto, imagem vídeo etc.). Assim, a interação dialógica vai se expandindo à medida que outros interlocutores se apresentam em um discurso *online* encadeado.

IX Praticamente não há argumentos organizados porque o custo é muito alto para quem escreve como para quem recebe:

Novamente, por informações e regras pragmáticas, não se espera que dada uma pergunta retórica do tipo: “Aff, por que é tão doloroso e demorado escrever uma monografia?”, haja quem se detenha a uma argumentação. A subjetividade, nesses casos, domina o processo, e os argumentos estão mais no escopo da retórica interativa do que da argumentação ou da persuasão. Há circunstâncias nesses *sites* em que se utiliza o discurso persuasivo, mas, mesmo em tal nível de interatividade, a direção simplista da exposição de suposições é a padrão. A escrita tende à simplicidade por estar em um meio dinâmico similar à oralidade, e, mesmo que verse sobre temas densos, a densidade do texto em sua organização interna e sua expressão visual são diferentes em forma-conteúdo dos mesmos em um contexto não virtual-interativo.

X Em princípio, como a fala, a interatividade se esgota no processo, a continuidade é geralmente redundante – espera-se que a dinâmica da relação seja acelerada:

A temporalidade do discurso virtual-interativo compreende um período curto. Em *chats* estilo *MSN*, por exemplo, o padrão é a instantaneidade; já em aplicativos como o mural do *Facebook* há a intenção de que sejam respondidos rapidamente, já que a atualização das informações é feita diariamente, quase que por turnos do dia. Se alguém não comentou algo que se enquadre nas atualizações apresentadas em uma página, ou acessíveis em poucos cliques, provavelmente não terá mais acesso àquele conjunto de suposições, ou ele demandará mais custo de recuperação (o usuário terá que clicar em outras páginas para ver as informações ‘mais antigas’). Os comentários sobre o tópico são rápidos e seguem a linha de raciocínio assumida *online*, de modo que, caso o tópico seja ‘o cansaço do dia’, as declarações que se seguirão irão determinar o novo tópico, por analogia à espontaneidade do padrão dialógico da fala.

XI O componente pragmático domina o semântico e mesmo o sintático:

No Virtuólogo, enunciados compostos por apenas uma palavra ou por *emoticons* são fortemente comunicativos, bem como sequências de enunciados que aparentemente não apresentam conexão fora do discurso. A vaguidade ilustra a complexificação da referencialidade dentro e fora da realidade da interação virtual, de modo a aproximar os mundos interno e externo ao diálogo virtual. O conteúdo referido pode ser vislumbrado por claras ou não tão claras (dependendo da intencionalidade) referências fora da proposição e fora do próprio meio. A sintaxe frouxa (“bom?” para “está tudo bem?”) e a obscuridade semântica no nível da expressão (“viu?!!”) geram contexto para a necessidade de complementação de informações pragmáticas, que parecem guiar e controlar os processos dialógicos. Essa interação complexa possibilitada pelo meio parece ser justamente a mensagem principal.

XII A conversa escrita interativa pós-carta, esta em desuso depois do telefone:

Escrever pela máquina é, então, uma réplica/extensão da fala, em que se perde um pouco mais de tempo que face a face, porém com grandes vantagens, entre eles de não precisar deslocar-se. A atenção está focada, mesmo que pressuponha novos focos de atenção virtuais. Meu olho não precisa estar em contato com o olho do outro, pode estar movimentando-se em diferentes janelas de bate-papo, em uma navegação virtual por

hiperlinks, ou até observando algo fora do ambiente virtual. Assim, enquanto a fala pede um nível de foco maior, o diálogo virtual camufla a atenção em diferentes focos, a não ser pelo índice de tempo de envio de mensagens instantâneas. Os *e-mails*, por sua vez, quebram a expectativa de resposta instantânea, mas pressupõem início, continuidade ou fim de uma conversa em meio não-virtual. Recados em *sites* cujo foco não é a instantaneidade da interação não computam a demora na resposta, a exemplo de *blogs*, mas, como no *e-mail*, o discurso pode ser materializado com data e hora de envio. Há, desse modo, princípios pragmáticos interagindo de forma a gerar uma retórica particular. Ainda a exemplo do *e-mail*, a forma de tratamento e o desfecho da fala são índices desse ritual dialógico; na troca instantânea, a forma de entrar e sair de uma conversa também obedece a critérios pragmáticos, tal qual a fala cotidiana. A virtualidade do *um para todos*, porém, torna esse ritual mais complexo, pois se faz da virtualidade o interlocutor ideal.

XIII É registro escrito e padrão falado. Deve ser entendido surpreendentemente fala-escrita:

A linguagem utilizada em um telejornal é expressa enquanto registro falado, porém é criada em padrão escrito, diferentemente do roteiro de uma novela, que se expressa em registro escrito, porém apresenta o estilo do padrão falado. Ambos trazem exemplos de escritas pensadas para a fala, como no caso de palestras e discursos. De modo semelhante, *blogs*, bem como quadrinhos e tirinhas, exemplificam uma escrita em padrão falado. É, assim, uma conversa para ser lida. A conversa virtual-interativa, entretanto, tem suas peculiaridades, algumas delas destacadas ao longo deste artigo.

6 Conclusão

Em termos descritivos, foram propostas características internas ao Virtuólogo, corroborando a visão de um impacto dos ‘meios’ sobre os ‘comportamentos’. Tal impacto mostra-se em diferentes níveis pertinentes à linguagem, considerando-se a Web 2.0: a caracterização de uma linguagem-tipo, de um diálogo-tipo e de um falante-tipo. No âmbito deste artigo, buscamos elencar questões relativas à linguagem-tipo e ao diálogo-tipo, considerando-se, na argumentação, pressupostos cognitivos, expressos na relação custo/benefício e na tendência à conexão, ampliadas no universo virtual-interativo.

Como argumentou McLuhan (1964), a língua escrita redimensionou as relações humanas e a relação entre os homens e o meio, na medida em que gerou um alto nível de

especialização e individualização. Na era digital, porém, as redes sociais possibilitam ampliar características do comportamento humano, impactando não somente as relações interativas, mas os próprios meios de interação em contato. É válida, assim, a observação de Lyons (1981) de que a propriedade das línguas de passar por uma transferência de meios (oral/escrito) é de fundamental importância, contribuindo para a flexibilidade e adaptabilidade dos sistemas linguísticos. O Virtuólogo, nesse contexto, indicia a existência de propriedades na relação oralidade-escrita para além de questões de estilo, de diferenças dialetais e de sinais linguísticos (letras/sons), de modo que haveria uma relação de expressividade dialógica da oralidade atuando na própria manifestação de propriedades funcionais e estruturais, na caracterização híbrida de um falar-escrito. A intenção informativa mostra-se aparentemente secundária nesse processo. A intenção comunicativa, por sua vez, cujo reconhecimento é central no processo comunicativo ostensivo-inferencial, parece estar a serviço de uma intenção mais básica, a busca por conectividade, de manifestabilidade ampliada pelo ‘grande meio’ virtual-interativo.

Referências

COSTA, Jorge Campos da. A teoria da relevância e as irrelevâncias da vida cotidiana. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5, n. esp., p. 161-169, 2005. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/10%20art%208.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2007.

_____. Comunicação e inferência em linguagem natural. In *Letras de Hoje*, v.40, n.1, p.107-133, março de 2005b.

_____. Ciências da Linguagem: Comunicação, Cognição e Computação - Relações Inter/Intradisciplinares. In: *Inovação e interdisciplinaridade na universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007. p. 362-376.

_____. *Inferências linguísticas nas interfaces* [recurso eletrônico] / Jorge. Campos (Org.). – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. Disponível em: <http://jcamposc.com.br/livros/inferencias_linguisticas_nas_interfaces.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2010.

_____. *Semântica e Interfaces*. Disciplina do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, 2010/01.

FREITAS, Maria Teresa de A. Linguagem de internet e celular. *Veja.com*, mar. 2009. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/linguagem-internet-celular/idioma-escrita-abreviada-jovens-adolescentes.shtml>. Acesso em: 3 abr. 2010.

Letrônica, Porto Alegre v.4, n.2, p. 14, nov./2011.

GRICE, H. P. Meaning (1957). *Philosophical Review*, 66, 377-388. 1957. Reprinted in Grice, 1989b.

_____. Logic and Conversation (1967) In *Studies in the Way of Words*. Cambridge, MA: Harvard University Press. 1989b.

LYONS, John. *Language and linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensão do homem* (understanding media). Tradução de Décio Pignatari. São Paulo, Cultrix, 1969.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SPERBER, Dan; WILSON, Deidre. *Relevance: Communication and cognition*. Oxford: Blackwell, 1986.

_____. *Relevance: Communication & cognition*. 2nd ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1995.

_____. Teoria da Relevância. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v. 5,n. esp., p. 221-268, 2005. Disponível em:
<<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0503/12%20art%2010.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2008.

VIÉGAS-FARIA, Beatriz. Implicaturas em Romeu e Julieta: a teoria de Grice e suas implicações para o estudo da tradução. In: *Na interface semântica/pragmática – programa de pesquisa em lógica e linguagem natural*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 427-465.

Recebido em 01/07/2011

Aceito em 13/10/2011